



Braulio Tavares

Nasceu em 1950, em Campina Grande (Paraíba), onde leu "Frankenstein", "Drácula", "O Médico e o Monstro" e a série "Incrível! Fantástico! Extraordinário!", de Almirante. Em 1982, foi morar no Rio de Janeiro, onde escreveu vários livros, desde "A Espinha Dorsal da Memória" (Caminho, 1989) até "Sete Monstros Brasileiros" (Casa da Palavra, 2014).



... Há certos momentos em que não aguento mais as luzes dolorosas das avenidas e repouso meus olhos contemplando o avanço dos meus pés sobre as pedras do calçamento. Logo em seguida não são mais pedras, são áreas de asfalto granulado e rijo como uma espuma negra que se compactou. Depois surgem ladrilhos cujos desenhos se encaixam uns aos outros formando mandalas cheias de ângulos retos, em seguida um trecho de grama, depois um barro pisoteado por muitos pés, depois novamente as lajes largas e polidas que parecem estar ali há séculos, há milênios; mas sei que não estão.

Sobre tudo isso, vejo o avanço de minhas botas, minhas pesadas botas negras, empoeiradas, gastas nas laterais até quase um tom de cinza, mas firmes e lentas. Avança uma, depois avança a outra, e o chão passa por mim devagar.

Os sons, contudo, me vêm de todos os lados; sempre me senti como que no centro de uma esfera de som, e cada som

humano vem no centro de uma esfera própria de significados. Aquele ruído áspero de metal às minhas costas é a porta corrediça de um bar sendo abaixada, e arrasta consigo imagens (um homem gordo de camiseta erguendo a vara metálica para puxar a porta mais para baixo; a lâmina quase retangular de luz que se estende pela calçada e pela rua até tocar no automóvel adormecido junto à calçada oposta; os homens meio trôpegos que acenam uma despedida com jovialidade excessiva; o inevitável cachorro que surge entre as latas, fareja e vai embora como se ninguém o visse), cheiros (fumaça de cigarro, suor, a madeira antiga das prateleiras, peixe salgado, cebolas, salame, o bafo de detergente que vem do beco). Basta o arrastar áspero e estridente daquele som para despertar na minha memória toda esta cena, como se eu a tivesse vivido um dia ou como se alguém a tivesse vivido (a tivesse imaginado) por mim.

Ergo os olhos.

Estou diante de uma praça, deserta a não ser por dois guardas noturnos encapotados em casacos cor de chumbo, que fumam e conversam em voz baixa. Parecem não perceber ou não se importar com a minha aproximação, não se incomodar com o avanço vagaroso das minhas botas que atravessam os florões alvinegros formados pelas pedrinhas calcetadas, minhas botas que avançam pela grama úmida, e se detêm diante do pedestal de granito onde repousa um ser de mármore.

Parece uma águia, porque tem asas e bico; mas também lembra uma fera, porque tem patas peludas com garras em gancho; e parece uma serpente pelo modo sinuoso como seu corpo delgado se eleva em bote armado e se retorce, dando quase uma volta inteira sobre si próprio, como que avaliando com quantos inimigos terá de se haver.

Sua cabeça é como uma cabeça humana, mais larga que alta, um tanto oval, e da boca entreaberta se projeta uma língua em forma de espada.

Os olhos, contudo, não são de mármore. Brilham como dois carbúnculos, e têm a cor arroxeadada de certas estrelas distantes quando fotografadas por um telescópio poderoso.

Algo me faz dar uns passos para a direita, rodeando o pedestal, e quando me detenho ergo novamente os olhos.

A criatura parece ter girado sobre si mesma, e continua de frente para mim. Não é uma mera impressão: seu corpo de mármore agora deu uma volta completa. Para ter certeza, retorno sobre os meus passos e vejo como lentamente ela desfaz a torção, como se seus olhos estivessem aparafusados na minha imagem, e me bastasse ir para lá e para cá para que ela continuasse me localizando e me seguindo, como a trêmula agulha de uma bússola que eu tivesse capturado com a minha aproximação.

Vou me deslocando um pouco mais para a esquerda, sempre de olho no movimento daquele mármore animado, até que deixo o ser totalmente reto, postado à minha frente com suas asas guerreiras em pose de proteção e de ataque. No momento em que me detenho, ouço um clique que vem do pedestal; um

quadrado destaca-se do mármore e desliza lateralmente, enquanto uma luminosidade interna revela as letras douradas sobre fundo negro de uma placa que exibe uma palavra apenas: **Frankenstadt.**

A placa torna a se fechar. Depois, mesmo quando volto a me mover, a criatura não se mexe mais; insisto, vou, volto, nada acontece, e ao ver o corpo rígido, cadavérico, aprisionado no mineral, sinto-me como se tivesse presenciado a morte de um animalzinho sem importância, mas que há um minuto estava vivo e agora não está mais.

Cruzo a praça e meu olhar é atraído por um coreto quadrado, do lado de lá de uma pontezinha que faz um arco gracioso por cima de um canal agora seco, cheio de terra, lama, copos de plástico amassados, o lixo anônimo que se multiplica nos recantos, sem cuidado.

Subo a pontezinha, desço do lado oposto. Ali a grama é recortada em desenhos amplos que tento entender, mas para isso precisaria subir talvez à cobertura daquele edifício cheio de cornijas e de gárgulas do lado oposto da praça, com mais de quinze andares.

Não são os desenhos que me atraem, e sim o coreto. Percebi que ele se ergue alguns metros acima do nível da praça e tem duas paredes laterais, sendo que a parte da frente e a dos fundos é totalmente aberta.

Minhas botas sobem os degraus de pedra escura.

Passo por baixo do pórtico encimado por um sol de braços abertos, seis de cada lado, com punhos cerrados que seguram

coisas – este, uma ampulheta; aquele, um arado; outro, um cometa de cauda flamejante; os outros erguem um ramo de agárico, uma cruz ansata, uma cabeça humana...

Cruzo o umbral sem saber o que me espera ali dentro (é um enorme vão vazio, sem pilotis nem paredes internas. O interior das paredes laterais está coberta de sinais minúsculos que lembram algum tipo de escrita). Porém, no instante em que transponho aquele limite, um cinturão de sons parece despertar ao meu redor; sons distantes, mas ruidosos, sem aquele cuidado discreto que costuma revestir os barulhos habituais da madrugada. Não, aquilo que se eleva à minha volta é um clamor, uma balbúrdia de gritos de ódio, um tinir de lâminas, um relincho de bichos, um traquejar de rodas de metal, cada vez mais alto e cada vez mais próximo.

Ali não tenho onde me esconder. Retrocedo, hesito, tento escolher uma rota de fuga, mas já percebi que eles vêm de todos os lados e convergem sobre a praça. Mesmo que o meu impulso inicial tivesse sido o de me esconder para que esse conflito passasse por ali sem me notar, a altura dos gritos, e principalmente a direção em que são desferidos, já me revelou a verdade: eles vêm sobre mim.

Disparo a correr em qualquer direção. Agora já não se trata de não ser visto, já me viram, já sabem de minha presença ali; agora, trata-se somente de tentar achar uma passagem entre as fileiras dos meus caçadores, romper através deles fazendo uso destas minhas mãos enormes, destas minhas botas pesadonas e mortais. Cruzo cambaleante o gramado e vou rumo à uma

esquina onde o clamor aparenta ser mais fraco. Vejo que ali há uma igreja gótica ao lado de um enorme cubo de concreto, flanqueado por uma rampa em espiral. Um beco entre os dois. Por ali. Pode ser.

Nesse instante, da lateral da igreja emerge um grupo de seres que brotam do beco estreito e se espalham em leque, alargando seu cordão diante de mim, barrando minha passagem. Eu tropeço e caio, porque aquela visão me descoordenou, coisas de sonho mau, animalejos contorcidos e babando; uns se arrastam, outros saltitam numa única pata inchada e balofa, outros rolam sobre si mesmos por não ter membros, apenas cabeças, muitas cabeças. Não há dois que sejam idênticos, e quando tento me reerguer, ficando de quatro, vem em minha direção uma coisa rascante e luzidia, como um caranguejo de carne com pernas humanas por todos os lados, pernas articuladas em dois joelhos cada uma, terminadas em lâminas córneas que tiram fagulhas do asfalto. A coisa salta sobre mim e me derruba, pisa-me ao mesmo tempo no pescoço, nos pulsos, no tronco, esfrega em meu rosto a sola de um pé coriáceo, cheio de cicatrizes.

Os aleijões se agrupam, vociferando aqueles sons arquejantes de bestas excitadas. A coisa é pesadíssima, eu não consigo me mover, ainda mais agora. Sinto algo como cordas frias e escamosas me atando os tornozelos, os pulsos.

Outra coisa abaixa a cara até junto da minha e diz, com um hálito de esgoto:

– É ele, sim. Ele, ele, ele.

FRANKENSTADT

Há um coro roufenho de vozes cacarejando, ornejando, ganindo palavras humanas:

– É ele, eu achei, achei!

– Fui eu, fui eu!

– Rammatá, rammatá o bicho. Rammatá agora.

Uma voz forte e brutal fala:

– Afasta!

Essa, sim, é uma voz humana, voz de capataz cruel, torturador de escravos, voz de executor impaciente erguendo seu machado de dupla lâmina. O círculo de pesadelo se faz, e aquela cabeça hirsuta se abaixa para olhar de perto a minha. É um homem de barbas e cabelos desgrenhados, sujos de lama seca, com dentes cariados e um nariz largo; mas no lugar dos olhos tem uma fenda metálica horizontal, e dentro dela uma luz verde que passa de um lado para outro, inquieta, checando tudo.

– Neutralizar – diz ele.

A esse sinal, os outros, com suas garras e pinças, partem meu surrado cinto de couro, puxam para baixo minhas calças pretas, empoeiradas, de pano grosso. As pinças abrem minhas pernas.

O homem da barba endireita o corpo e ergue o braço direito, vestido com um velho casaco desbotado verde-oliva. Estica o braço, que termina num coto metálico, e, a um gesto rápido com o pulso, projeta-se de dentro dele um cilindro luminoso, piscante, todo desenhado com microcircuitos.

– Neutralizar! Neutralizar! – grita aquela coreia insetoide.

Forçam mais as minhas pernas abertas, enquanto a pinça

serrilhada de um deles se fecha sobre minha goela, rasgando e cortando, mas deixando o bastante para que o ar passe pela traqueia. Solto um grunhido, um “não!” estrangulado, que de nada adianta. O homem da barba se ajoelha, minhas pernas são imobilizadas com força, ele aproxima aquele plugue cintilante e o enfia de uma vez só em mim. Meu corpo, meu cérebro, o universo, são torrados por um trilhão de volts.

Acordei antes de abrir os olhos. Lembrei-me instantaneamente de tudo, porque entre a morte e o ressuscitar foi como se transcorresse um segundo. Meu corpo não sentia dor alguma, e não sentir dor alguma depois daquele segundo anterior de eletrocução absoluta me deu um alívio indescritível. Mesmo desnorteadado como estava, ainda consegui pensar que tinha experimentado, em dois segundos consecutivos, o inferno e o paraíso.

Eu estava de olhos cerrados, sentado no que me pareceu uma poltrona. Meus dedos se moviam sobre um braço largo, forrado com um tecido bordado. Meus pés estavam pousados no chão. Constatei que minhas roupas e botas estavam em condição normal. Respirei fundo, muito fundo, enchendo o peito e depois soltando o ar, num atordoamento de pensar: “estou vivo, estou vivo, vivo”. Ouí um roçar de vestes à minha volta e abri os olhos.

Era uma sala espaçosa, ricamente decorada, com móveis escuros nos cantos e, no centro, um tapete de flores escuras em torno do qual estavam dispostas algumas cadeiras acolchoadas. Ergui os olhos: o teto alto era ornado com um

intrincado desenho de torres floridas que se distribuía circularmente em duas rosáceas perfeitas, lado a lado. Havia bustos de bronze escurecido mostrando torsos de homens apoiados num corpo cilíndrico, que ia até o chão. As paredes eram cobertas com um padrão reiterativo de mosaicos em tom vermelho-escuro, ouro-envelhecido, e para além do tapete via-se que o piso era marchetado em faixas entrelaçadas claras e escuras, lembrando uma malha de trigramas orientais. Por trás de uma porta alta em arco, através de vidros semifoscas, viam-se imensas prateleiras repletas de livros.

E nas poltronas diante da minha havia outras pessoas, num semicírculo de três cadeiras.

À minha esquerda, uma mulher de pele muito branca, cabelos negros presos num coque antiquado, um vestido cheio de camadas sobre camadas de tecidos esparramando-se à sua volta, mas com um decote que apertava e realçava seus seios largos, cheios. Sobre os ombros e os braços trazia um xale multicolor. Tinha olhos muito negros que insistentemente buscaram os meus, mas me esquivei.

Na cadeira diante da minha estava um homem idoso, miúdo, com olhos infantis e muito azuis, uma cabeleira branca, rala, meio esvoaçante. Vestia um terno que parecia grande para seu corpo de passarinho. Sorria muito, não porque parecesse estar se divertindo, mas porque provavelmente costumava sorrir o tempo todo.

Na cadeira à direita da minha havia uma forma vagamente humanoide. Era algo como um esqueleto feito de hastes articuladas de alumínio, ao longo das quais estavam

colados trechos de músculos cobertos de pele, que se retesavam quando ele se movia. Por baixo da pele viam-se luzinhas digitais piscando. O ser tinha tronco e membros semelhantes aos de um ser humano, mas no lugar da cabeça exibia algo como uma rosa-dos-ventos tridimensional, um ouriço de antenas móveis e retráteis, viradas em todas as direções. Elas se moviam quase sem ruído, a não ser por uma leve vibração que, mesmo a três metros de distância, eu era capaz de sentir.

A iluminação da sala era fornecida por lâmpadas no interior de duas gaiolas de metal fundido, cheias de ornamentos barrocos, fechadas por vidros polidos. Era uma luz agradável, que não doía nos olhos.

O velhinho virou-se para a mulher e falou:

– Incrível, não acha? Eu diria que este é um momento muito raro. É pena que só estejamos nós aqui.

A mulher continuava me olhando e falou, em outro idioma, mas que entendi sem dificuldade:

– Você teve muita sorte em sobreviver. Se fosse mesmo uma forma viroide, teria sido desintegrado.

– Se ele fosse uma forma viroide não teria conseguido se infiltrar aqui, em primeiro lugar, querida Mary – disse o velhinho. E para mim: – Quem é você?

Minha voz estava pastosa, no entanto fiz questão de que estivesse firme quando respondi:

– Um jogador.

– Sim, sabemos disso. Mas até hoje não vimos nenhum jogador que conseguisse se infiltrar hospedado num vírus. Disfarçado de vírus. Como conseguiu?

Era difícil me lembrar quem eu era, mergulhado na intensidade das sensações dali. Os tendões internos das minhas coxas latejavam, a garganta ardia, as paredes eram reais, as sombras dos corpos e das poltronas no tapete tinham uma arrogante verossimilhança. Eu sabia quem era, mas me sentia incapaz de verbalizar isso.

A mulher falou:

– Veio sozinho ou com mais alguém?

Pode ter sido o orgulho que me fez lembrar aquilo num relance. Respondi:

– Um amigo escreveu o programa, mas não teve coragem. Eu tive. Vim só.

– De que nível? – perguntou o velhinho.

– Nível?

Então a criatura metálica fez um gesto meio absurdo: ergueu uma haste, dobrou-a e deixou-a pousada sobre a outra, como uma pessoa cruzando a perna. Senti meu corpo ser tomado por uma vibração, como se tivesse encostado a mão num aparelho ligado; experimentei um impulso nos pulmões, na garganta, na língua, e falei, numa voz que não era a minha:

– Estou menos interessado em saber a que nível ele pertence do que em entender por que motivo arriscou a única vida que tem, sabendo disso. O que veio buscar aqui?

Houve um silêncio e respondi, com minha voz:

– Vim de um lugar onde cada um de nós é feito de muitas coisas – ergui minhas mãos gigantescas e peludas, sujas com meu próprio sangue. Com uma delas, tateei a grosseira

cicatriz costurada na testa. – Dizem que houve um tempo em que as pessoas eram feitas somente de si mesmas, como os animais. Que não havia ciber-híbridos, não havia digitalma, ideovídeos. Os seres eram de carne e osso, somente isso.

A mulher disse:

– Nada impede que tenha existido isto um dia, mas que diferença faz?

– Você – disse eu. – Eu sei quem você é. Você me criou, criou minha forma. Você existe de verdade. Como veio parar aqui?

Ela sorriu e com um movimento gracioso retirou o xale que lhe cobria os ombros. Seu braço direito era uma grade de hastes de titânio, entretecida com fibras óticas translúcidas. Sua mão tinha cinco dedos, todos do mesmo tamanho, com unhas pintadas de esmalte cor de sangue. Sem que ela se levantasse, aquele braço pantográfico se desdobrou e esticou até sua mão roçar meu rosto, numa carícia tão delicada que mesmo o leve zumbido e o cheiro de metal aquecido não me fizeram recuar a cabeça.

Seus dedos brincaram com meus cabelos, com meu rosto.

– E lá – disse ela –, quantos anos você tem?

Eu não tinha por que não dizer a verdade.

– Doze.

– Qual o seu veredito, mestre? – disse ela, voltando-se para a criatura metálica. – O que fazemos com ele?

Mais uma vez as antenas da criatura vibraram, e aquela voz estranha falou através do meu corpo:

– Por mim, ficará aqui, conosco. Cortaremos seu caminho de volta e o colocaremos numa plataforma segura, onde nos servirá de estudo e diversão.

Ela sorriu como se já esperasse por aquilo, e dirigiu-se ao velho:

– E você, poeta? Confesso que seus julgamentos sempre me pegam de surpresa.

O velhinho sorriu. Estendeu os braços, mostrando as mãos espalmadas, como quem se desculpa.

– O que posso fazer? – disse ele. – Pensei em sugerir o que nosso amigo acaba de dizer, mas se eu repetir seu voto o assunto está encerrado, não é mesmo? Prefiro votar a favor da liberdade e do perdão, e deixar a decisão para você, minha querida. Já que foi você quem criou a linhagem de avatares a que ele pertence, há certa justiça poética em deixar que desempate e decida se ele vai viver ou não.

Ela se ergueu e veio em minha direção. Parou junto à minha cadeira. Não era muito alta; de pé, ao meu lado, sua cabeça mal ultrapassava a minha, gigante e desengonçada.

– Volte para seu mundo – disse ela. – Não existe um mundo de criaturas puras, feitas de uma coisa só. Tudo o que há são pedaços, colagens aleatórias de cadeias de cromossomos, energia química absorvida ao ambiente mediante garras e presas. Todos somos feitos de pedaços alheios, e esse corpo que você recebeu não é mais bricolado, heterogêneo e crivado de enxertos do que a mente do selvagem mais inocente.

Tomou meu queixo e ergueu meu rosto para o dela. Seus olhos eram os mais lindos que eu já tinha visto em toda minha vida.

– Não tente isto de novo. Já codificamos o que fez, e de agora em diante estamos protegidos. Nenhum jogador poderá invadir este mundo onde nos refugiamos. Morte instantânea. Entendeu?

– Sim.

Ela abaixou a cabeça para a minha, abriu a boca (seu interior era luminoso, cheio de luzes piscantes) e pôs os lábios sobre os meus. Minha boca se abriu para receber a dela.

Meu corpo, meu cérebro, o universo, foram torrados por um trilhão de *volts*. E eu voltei para casa.